NORBERTO ÁVILA

algum teatro

III

Magalona Princesa de Nápoles

O Marido Ausente

As Viagens de Henrique Lusitano

A Donzela das Cinzas

Uma Nuvem sobre a Cama

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Algum Teatro
Vol. III

Autor: Norberto Ávila

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Capa: desenho do autor

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira
Branca Vilallonga

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2009

ISBN: 978-972-27-1660-4

Depósito legal: 294 430/09

NORBERTO ÁVILA

algum teatro

III

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2009

A DONZELA DAS CINZAS

(1990)

Comédia escrita em 1990, a convite do Centro Cultural de Évora. Porém, a estreia absoluta só veio a concretizar-se em 1999, no Teatro Passagem do Nível (Alfornelos), com encenação de Porfírio Lopes.
O texto, cuja publicação havia sido recomendada pelo júri do Concurso Literário Açores/92, teve uma 1.ª edição da Secretaria Regional da Educação e Cultura (Angra do Heroísmo, 1992).

A DONZELA DAS CINZAS

Comédia

Personagens:

SILVANDRO, guarda-mor da floresta de Brandemir
VERONA, primeira mulher de Silvandro, já falecida
SILENA, filha de ambos
OBSIDIANA, segunda mulher de Silvandro
OVÍDIA e SANTALINA, filhas de um anterior casamento de Obsidiana
LINDIBERTO, um jovem príncipe, filho do rei Berivaldo II
POLIDORO, seu amigo, com vocação para mestre-sala

✤

A acção decorre num país indeterminado, nos meados do século XVIII.

Um dispositivo cénico básico, com oportunas alterações, poderá facilmente sugerir os quatro diferentes locais da ficção dramática.

1

Bosque vizinho à casa de Silvandro. A um lado, montículo de terra em que se insere uma simples laje, ligeiramente inclinada para a frente. É a sepultura de Verona.

No seu passo vagaroso, comovida, entra Silena. Traz na mão um raminho de flores silvestres e uma flauta pastoril. Aproxima-se da sepultura e depõe sobre ela o raminho de flores. Recua dois ou três passos e ali fica um instante, cabisbaixa, em sentida homenagem.

SILENA — Três meses se passaram, minha mãe. Três meses. E como poderei habituar-me à tua ausência, irremediavelmente definitiva? Todas as manhãs venho trazer-te flores e lágrimas. Só esta pequena visita que te faço me ajuda um pouco, atenuando a minha dor.

VERONA *(cuja voz se faz ouvir pausada e suave)* — São as leis do Universo, Silena. Cada qual, no decurso dos anos que lhe foram destinados, deveria ter bem presente que a Morte é indissociável da Vida. A Morte é a única certeza. Conseguem alguns encará-la com tranquilidade: os que esperam sobreviver na memória dos seus parentes e amigos. Mais ainda os que assumiram, digna e plenamente, a sua missão de responsáveis pelo progresso da Humanidade.

SILENA — Isso são destinos superiores, minha querida mãe. Com eles pouco tem a ver a nossa modesta permanência neste mundo.

VERONA — No quotidiano processo de transformar esse mundo, Silena, ninguém deverá considerar-se insignificante. Um pequeno esforço de cada um no sentido de melhorar-se individualmente... já é um contributo admirável para a nobre causa da existência humana.

SILENA — Dessas palavras quero eu lembrar-me muitas vezes, Sejam elas a minha melhor companhia, já que me sinto tão só, tão desamparada.

VERONA — Não me fales de solidão ou desamparo. Refugia-te na coragem e conhecerás dias melhores.

SILENA — Nestes últimos dias, procurei o estimulante conforto da música.

VERONA — Ainda bem que vais cumprindo as minhas recomendações. Não te arrependerás.

SILENA — Ousei até compor uma canção.

VERONA — Muito me alegro, Silena.

SILENA — Em teu louvor.

VERONA — Como te hei-de agradecer?

SILENA — Escutando-a.

VERONA — Render-me-ei ao silêncio. Podes começar.

(Silena toca na flauta uma melodia suave e nostálgica.)

VERONA *(logo depois)* — Maravilhosa melodia, na verdade. Permitir-me-ei apenas um simples reparo. Se vieres a compor mais algumas — e espero bem que sim —, sejam elas o reflexo de outros sentimentos que não a tristeza.

SILENA — Farei o possível. Mas isto é uma canção, conforme disse. Compus também os versos. Só é pena que não possas ouvir a letra e a música simultaneamente.

VERONA — E porque não?

SILENA — Como poderei cantar e acompanhar-me na flauta?

VERONA — Não será o mais difícil, Silena. Prepara-te para cantar a maviosa canção. A tua música, ficando no ar, invadiu o meu espírito. Pois agora usarei dos meus privilégios. De novo se ouvirá a saudosa melodia, e sobre ela cantarás os teus versos.

SILENA — Meu Deus!

(Silena fica imóvel, perturbada na sua expectativa, até que renasce a melodia, tal como foi por ela executada. Ultrapassado o tolhimento da surpresa, a jovem inicia o canto no momento oportuno.)

Sentindo a tua mão na minha mão,
a feroz tempestade era bonança.
Agora quem sou eu, na escuridão?
Como viver sem ti, sem segurança?

Com que palavras, minha mãe querida,
poderei lamentar a tua sorte?
Tão poucos anos vi da tua vida.
Como voltar a ti senão na morte?

VERONA — Que generosa és! Por todas essas provas de comovente fidelidade à minha memória, Silena, não voltarás a sentir-te abandonada. Mas tornaremos ao diálogo em melhor oportunidade. Pressinto que vou ter uma visita.

SILENA — Quem?

VERONA — Escondete, minha filha.

(E, tendo-se ela ocultado atrás duma árvore, entra Silvandro, que logo se dirige para a sepultura da mulher.)

SILVANDRO — Vejo, minha querida Verona, que já hoje recebeste a visita de Silena. *(Tomando o raminho de flores.)* Só ela tem a paciência de colher estas florinhas silvestres, injustamente desprezadas, se bem repararmos na sua delicadeza. Tal como se diz das palavras de quem falou antes de nós, se com elas concordamos: «Faço minhas as palavras do orador antecedente...» *(Volta a colocar a pequena oferenda sobre a campa.)* Já que estas florinhas passaram pelas minhas mãos, aceita-as também como uma simples homenagem de Silvandro, que bem dificilmente poderá esquecer-te. *(Virando as costas à sepultura.)* Mas que desastrado eu sou! Se digo que dificilmente poderei esquecê-la, já não saberei encadear o discurso conforme tinha pensado. Ora, vou mas é direito ao assunto, sem mais rodeios. *(Volta-se novamente para a sepultura. Tira o chapéu, cuja aba faz circular por ambas as mãos.)* Verona, minha querida, espero que compreendas o que tenho a comunicar-te. *(Pausa.)* Já disse... e repito vezes sem conta... que fui muito feliz contigo. Porque foste para mim uma esposa exemplar. Silena, essa chamar-te-ia mãe carinhosa, irrepreensível. Portanto, falo por mim e por ela. (Por ela, talvez abusivamente. Mas adiante.) A nós ambos, Verona, proporcionaste anos e anos

de felicidade. E, habituados como estávamos a essa felicidade, estes três meses passados sobre a tua morte, Verona, foram bem difícois de suportar. Então, sem nunca deixar de pensar em ti, aceitei que pusesse em mim os olhos uma desditosa viúva — Obsidiana de seu nome —, igualmente saudosa do afocto conjugal. E acabei por consentir no casamento, que será muito em breve. *(Pausa.)* Não fiques pesarosa. Verona. Poderei eu ressuscitar-te? Infelizmente, não. Mas a verdade é esta, minha querida: Eu preciso de uma esposa; Silena, de uma mãe. Pronto. *(Pecador aliviado pela confissão, abana-se com o chapéu.)*

(Saindo detrás da árvore lentamente, Silena reaparece.)

SILVANDRO — Silena! Ainda estavas por aí?

SILENA — Ainda.

SILVANDRO — E ouviste o meu desabafo, a minha confidência?

SILENA — Algumas palavras me soaram nos ouvidos, meu pai.

SILVANDRO — E então?

(Um breve silêncio.)

SILVANDRO — Hás-de concordar: Não seria admissível dar-te esta notícia antes de haver falado com Verona.

SILENA — Muito a tempo me dou por informada.

SILVANDRO — E então? Que dizes?

SILENA — Por música, senhor, responderei. *(Prepara-se para tocar.)* Se achardes alegre a melodia... então não saberei expressar os meus sentimentos.

(Da flauta pastoril reergue-se a melodia suave e nostálgica. Silena vai saindo, vagarosamente.)